

## Henrique Iwao: Instrumentário

Marco Scarassatti escreveu o artigo *Instrumentarium: Dispositivos e Contradispositivos no Instrumentário Brasileiro dos Últimos 100 Anos*, para o livro *Cem Anos de Música no Brasil: 1912-2012*, organizado por João Marcos Coelho e publicado em São Paulo pela Andreato Comunicação e Cultura, em 2015. O texto aparece como o décimo capítulo, ocupando as páginas 146 a 191.

Dentro desse artigo, há vários pequenos textos, derivados de entrevistas escritas, com vários autores. O que deriva da minha entrevista ocorre entre as páginas 186 e 189, e conta com uma foto da *Tábua Mobile*, comigo e Marcelo Muniz, tirada por Guilherme Tosetto, em outubro de 2010 (reproduzida abaixo). O texto foi escrito em 2013. Tomei a liberdade de revisa-lo para a produção desse pdf, visto que na época não me foi dada a oportunidade, nem ao próprio Marco.



Um instrumento é instrumental - ele é um algo que serve para fazer algo. Ele o é tão fortemente que é difícil imaginá-lo fazendo outra coisa. Ele existe para a e através de sua funcionalidade; um instrumento musical existe porquanto se faz música com ele. Fazer música: performance musical, sons, silêncios, ação, espera. Ele é um mediador. É possível esconder-se atrás dele, se você for um músico. Por ter uma função assim delimitada, ajuda a tornar delimitada a figura do músico enquanto músico - aquele que opera

instrumentos musicais. Nada disso impede a música de ser feita sem instrumentos musicais, sem músicos, com músicos não operando instrumentos musicais etc.

A Tábua Mobile, que construí junto com Marcelo Muniz, com a ajuda de Borys Duque é também uma mesa onde apoiamos coisas. Mas as coisas são objetos cotidianos transformados em utensílios musicais.

Proponho que o termo "instrumentário", a tradução para o inglês *set*, de *instrumental set*, seja usado mais frequentemente. Com ele, englobo também os diversos acessórios, instrumentos, ferramentas e dispositivos agregados ao fazer musical; eles podem ter diferentes níveis de funcionalidade instituída em relação ao musical, eles podem ter temporalidades diferentes, em relação ao musical - quando dizemos que o garfo que usei pra comer é temporariamente um garfo de produzir um som estridente extremo agudo, com variação possível de dinâmica e velocidade-altura, não é o mesmo que aquele rodo de pia que nunca usei para limpar a água da pia mas tão somente para fazer sons graves, arrastados, de fricção, em superfícies de madeira amplificadas com microfones de contato.

No Epilepsia, com Jean-Pierre Caron eu uso: dois estrobos, um abajur, um holofote, mini-estrobo de *leds*, captadores de eletromagnetismo (bobinas ligadas em cabos de áudio), *dimmers*, placa de som, laptop com uma rotina por mim programada no software Pure Data, teclado do laptop, controlador MIDI Trigger Finger, HD bass, microfone de contato. Além disso eu uso um sistema de som com 4 caixas acústicas, nas quais duas delas tem caixas claras colocadas em cima, com a esteira ligada. Estas fazem certamente parte do instrumentário, pois definem o tipo de timbre para duas das caixas e integram uma concepção de espacialidade sonora específica.

Em contextos de improvisação eu sempre fico preocupado com a pouca versatilidade da maioria dos instrumentos musicais que uso, como a mesa de som *curto-circuitada*. Posso escolher deliberadamente equipamentos que resistem a uma funcionalização musical. Posso dizer para um objeto cotidiano, um ventilador, por exemplo, que ele agora é um instrumento musical. Mas o ventilador não facilmente se converterá, pois continuará teimosamente ventilando. De modo similar, se eu levo abajures ou coisas que produzem luz, nem por isso, apesar da musicalidade da luminosidade, apesar de ligarem, desligarem e *dimmerizarem* musicalmente, eles resistem um tanto a virar instrumentos musicais, em especial se não os sonifico (se não capto a variação eletromagnética que eles produzem e a transformo em áudio e depois som).

Já quando eu componho peças, não há muitas preocupações com a escolha instrumental, pelo fato de que eu não tenho opções de composição de instrumentais amplas o suficiente para que essas preocupações surjam.

Não considero compor fazer música, mas apenas um dos estágios da cadeia. Se não há ligação entre os elementos da cadeia, não há música. Uma composição numa gaveta deixada de lado é uma obra musical, mas de uma forma muito precária. Se a casa onde a gaveta está se incendiar, ou se sofrer uma inundação durante uma chuva forte devido à canalização irresponsável de um rio em meio a uma cidade populosa, essa obra vai se igualar à memória incerta e improdutiva do compositor e nada mais.

Pelo uso que dou às palavras "música", "instrumento", "composição musical" não dá pra dizer que conceber um instrumento é fazer música. Fazer música: posso encarar isso de duas formas. Ou é a concretização da cadeia toda, que vai desde detalhes que preparam as coisas, até os instrumentos, para a composição ou não, passando pela logística de uma apresentação, até a performance, incluindo a gravação dessa, a manipulação do arquivo e possíveis comentários sobre. Nesse caso, conceber um instrumento é um nó nessa cadeia. Pode ser mais ou menos importante, mas é apenas uma parte que depende de outras (que eventualmente dependem desta também).

A outra forma que eu encaro é considerar que fazer música é fazer performances de música, isto é, colocar num contexto social, mínimo que seja, uma música, um excerto de música, um começo de, uma prática de inventar uma música (pode ser de você com suas caixas de som, por exemplo, e você em frente às caixas é esse mínimo). Nesse sentido, a não ser que a música seja, de um modo indagador e estranho, o conceber de um instrumento musical - que a performance seja a concepção de um instrumento musical, fica barrada essa possibilidade de que esta concepção seja justamente o próprio ato de se fazer música.